

Artigo Original

DOI: <https://dx.doi.org/10.12662/1809-5771RI.128.5099.p21-23.2025>.

A invisibilidade de viver e conviver com HIV/AIDS em pessoas idosas

RESUMO

Introdução: A lacuna de informações sobre IST/HIV/AIDS entre idosos desafia os cuidados multiprofissionais. Apesar dos avanços biomédicos, é imperativo abordar as dimensões emocionais e os estigmas enfrentados por idosos com HIV/AIDS. **Objetivo:** Compreender as dimensões que estão relacionadas aos estigmas e aos preconceitos vivenciados por idosos com HIV/AIDS. **Método:** Estudo descritivo, qualitativo com 25 idosos entrevistados no Centro de Infectologia de um município cearense. **Resultados:** Os participantes revelaram sentimentos diversos após o diagnóstico, como tristeza, negação e proximidade com a morte, além de enfrentarem discriminação no trabalho. Após o diagnóstico, muitos escolheram o sigilo. O preconceito invisível induz isolamento social e sofrimento, destacando a necessidade urgente de políticas públicas eficazes. **Considerações Finais:** Restringir o acompanhamento do HIV/AIDS que compromete a assistência integral. Uma abordagem multidimensional, com suporte emocional, é essencial. A implementação de políticas públicas é imperativa para promover um cuidado abrangente e efetivo.

Palavras-chave: Síndrome de Imunodeficiência Adquirida; saúde do idoso; estigma social.

1 INTRODUÇÃO

O acesso limitado a informações sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e HIV/AIDS na população idosa desafia a implementação de cuidados multiprofissionais e medidas preventivas (Castro *et al.*, 2020; Brasil, 2020). O aumento de casos de IST em mulheres acima de 50 anos entre 2007 e 2022 destaca a necessidade de atenção a esse grupo (Alencar, 2016; Araújo; Bertoline; Bertoline, 2015).

Apesar dos avanços no tratamento e na prevenção das IST/HIV/AIDS, é fundamental abordar os sentimentos, os estigmas sociais e os preconceitos enfrentados pelos idosos com HIV/AIDS. O acompanhamento das pessoas que convivem com o HIV/AIDS não deve limitar-se às informações relacionadas ao tratamento, à medicação e aos exames, pois as questões emocionais podem elucidar aspectos correlatos à saúde mental.

A partir dessas reflexões, o estudo buscou compreender as dimensões que estão relacionadas aos estigmas sociais e aos preconceitos vivenciados por idosos com HIV/AIDS.

Ana Paula Ribeiro de Castro
Doutora em Ciências da Saúde na
Universidade Estadual do Ceará - (UECE).
Fortaleza - CE - BR.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2647-2391>.
E-mail: anapaulacastrocrato@gmail.com.

José Maria Ximenes Guimarães
Programa de Pós-Graduação em Saúde da
Família na Universidade Estadual do Ceará
- (UECE). Fortaleza - CE - BR.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5682-6106>.
E-mail: Jm_ximenes@hotmail.com.

Maria Claudia de Freitas Lima
Mestre em Saúde da Família pela
Universidade Estadual do Ceará (UECE).
Docente do Curso de Odontologia do
Centro Universitário Christus (Unichristus).
Fortaleza - CE - BR.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9810-6772>.
E-mail: cacaulima2@hotmail.com.

Hercules Pereira Coelho
Mestre em Enfermagem pelo Programa
de Pós-Graduação em Enfermagem da
Universidade Regional do Cariri - (PMAE/
URCA). Fortaleza - CE - BR.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6420-7527>.
E-mail: herculesleon_01@yahoo.com.

Ana Patrícia Pereira Morais
Universidade Estadual do Ceará (UECE) -
Centro de Ciências da Saúde - Programa
de Pós-Graduação em Saúde da Família -
Uece. Fortaleza - CE - BR.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6188-7897>.

Fabiana Rosa Neves Smiderle
Doutora em Saúde da Criança pela
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5624-6673>.
E-mail: fabiana.neves@emescam.br.

Italla Maria Pinheiro Bezerra
Doutora em Ciências da Saúde - Escola
Superior de Ciências da Santa Casa de
Misericórdia de Vitória.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8604-587X>.
E-mail: italla.bezerra@emescam.br.

2 MÉTODO

Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com 25 idosos com HIV/AIDS, no Centro de Infectologia de um município cearense. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas, transcritas e analisadas, considerando a literatura pertinente.

Foram considerados critérios de inclusão: idosos com idade acima de 55 anos, e critérios de exclusão: idosos diagnosticados com HIV/AIDS há menos de um ano; idosos com desorientação alopsíquica ou autopsíquica, apresentando transtornos mentais, distúrbios neurológicos ou síndromes identificadas nos prontuários médicos; e idosos com deficiência auditiva, devido à incapacidade de responder à entrevista.

Embora a Organização Mundial da Saúde (OMS) considere idoso o indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos, neste estudo, as pessoas com idade acima de 55 anos foram incluídas por serem consideradas idosas para a contaminação pelo HIV/AIDS (Alencar; Ciosak, 2016).

O estudo obedeceu aos aspectos éticos e legais, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO) com o Parecer Consubstanciado de nº: 3.352.277.

3 RESULTADOS

Os participantes expressaram sentimentos variados ao receberem o diagnóstico de HIV/AIDS, incluindo tristeza, negação e sensação de proximidade com a morte. O impacto psicológico foi evidente em relatos de perturbação profunda, choque e até expectativa de morte iminente, ilustrada pela compra de um caixão. Um participante destacou a importância de combater o preconceito, enfatizando que o isolamento social e a depressão são mais prejudiciais do que a própria doença.

De maneira preocupante, um caso específico ilustrou o isolamento social imposto no ambiente de trabalho após o diagnóstico, revelando discriminação e rejeição. A participante foi remanejada para um ambiente insalubre, evidenciando o estigma social, associado à soropositividade.

Contrastando, após a confirmação do diagnóstico, muitos participantes optaram pelo sigilo, revelando uma inexistência aparente de dificuldades ao conviver com o HIV/AIDS. O segredo foi mantido para evitar possíveis estigmas sociais e preconceitos, tornando a convivência mais tranquila, especialmente com pessoas próximas.

4 DISCUSSÃO

O panorama revela um viés cultural que subestima a vulnerabilidade da população idosa às IST, fundamentado no preconceito de que tais doenças pertencem exclusivamente a grupos mais jovens e sexualmente ativos (Araújo *et al.*, 2018). A ausência de políticas específicas para a promoção da saúde sexual dos idosos, incluindo a falta de diretrizes para testes de HIV em idosos, contribui para diagnósticos tardios e ina-

Felipe José Silva Melo Cruz
Doutor em Medicina pela Faculdade
de medicina do ABC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4189-3082>. E-mail:
felipemcruz@yahoo.com.br.

Autor correspondente:
Ana Paula Ribeiro de Castro
E-mail: anapaulacastrocrato@gmail.com

Submetido em: 24/01/2024
Aprovado em: 09/05/2024

CASTRO, Ana Paula Ribeiro de;
LIMA, Maria Claudia de Freitas;
GUIMARÃES, José Maria Ximenes;
COELHO, Hercules Pereira; MORAIS,
Ana Patrícia Pereira; SMIDERLE,
Fabiana Rosa Neves; BEZERRA, Italla
Maria Pinheiro; CRUZ, Felipe José
Silva Melo. A invisibilidade de viver
e conviver com hiv/aids em pessoas
idosas. **Revista Interagir**, Fortaleza,
v. 20, n. 128, p. 21-23. 2025.

dequada condução clínica (Bezerra, 2015).

O preconceito, embora invisível, é poderoso, sendo capaz de gerar vergonha, medo, estigma e isolamento social. Viver com o HIV/AIDS, muitas vezes, implica conviver no silêncio, ocultando a condição por receio de preconceito, indiferença social e retaliação. Destaca-se a necessidade de implementação de políticas públicas direcionadas à saúde sexual da população idosa, abordando o HIV/AIDS em diferentes fases do ciclo vital, para favorecer o enfrentamento positivo e a preservação da saúde mental e física a longo prazo (Coutinho; O'dwyer; Frossard, 2018; Garbin; Martins; Belila; Garbin, 2017).

O impacto do diagnóstico de HIV/AIDS é significativo, associado a atitudes discriminatórias que podem levar à exclusão social, a restrições físicas e a desafios nas relações pessoais, afetivas e sociais (Garbin; Martins; Belila; Garbin, 2017). A decisão de manter em segredo a condição de saúde reflete o temor do estigma social, da indiferença da sociedade e da retaliação, indicando a presença de estressores que influenciam o tratamento e o acompanhamento adequado nos serviços de saúde.

O estigma e o preconceito contribuem para o sofrimento no momento do diagnóstico e na possibilidade de revelação para pessoas do convívio familiar e social. Em vista disso, é necessário promover políticas inclusivas, educativas e de conscientização que desmitifiquem o estigma associado ao HIV/AIDS na população

idosa, incentivando o respeito, o apoio e a compreensão (Lourenço; Amazonas; Lima, 2018; Andrade; Iriart, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco do acompanhamento do HIV/AIDS apenas em informações sobre tratamento, medicação e exames compromete a assistência integral. É imprescindível abordar aspectos emocionais, como ansiedade, medo e depressão, que podem revelar queixas relacionadas à saúde física, mental e sexual. Implementar uma assistência multidimensional para idosos é essencial, com ênfase na orientação e na desmistificação de tabus, estigmas e preconceitos associados ao vírus, promovendo, assim, um cuidado abrangente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Rubia Aguiar; CIOSEK, Suely Itsuko. AIDS in the elderly: reasons that lead to late diagnosis. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, local. 61076-81, 2016.

ANDRADE, Rosário Gregório; IRIART, Albeto Bernstein. Estigma e discriminação: experiências de mulheres HIV positivo nos bairros populares de Maputo, Moçambique. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 3, p. 565-74, 2015.

ARAÚJO, Ana Paula Serra; BERTOLINI, Sonia Maria Marques Gomes, BERTOLINI, Dennis Armando. Perfil Epidemiológico de Idosos Infectados pelo Vírus da Imunodeficiência Humana. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 20, n. 1, p. 121-138, 2015.

ARAUJO, Graciela Machado *et al.* Self-care of elderly people after the diag-

nosis of acquired immunodeficiency syndrome. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 2, p. 793-800, 2018.

BEZERRA, Valéria Peixoto. Práticas preventivas de idosos e a vulnerabilidade ao HIV. **Revista Gaúcha Enfermagem**, v. 36, n. 4, p. 70-6, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico HIV/Aids 2020. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília, 2020.

CASTRO, S. S.; SCATENA, L. M.; MIRANZI, A.; MIRANZI NETO, A.; NUNES, A. A. Tendência temporal dos casos de HIV/aids no estado de Minas Gerais, 2007 a 2016. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 1, 2020.

COUTINHO, Maria Fernanda Cruz; O'DWYER, Gisele; FROSSARD, Vera. Tratamento antirretroviral: adesão e a influência da depressão em usuários com HIV/Aids atendidos na atenção primária. **Saúde debate**, v. 42, n. 116, p. 148-161, 2018.

GARBIN, Cléa Adas Saliba; MARTINS, Ronald Jefferson; BELILA, Naiana de Melo; GARBIN, Artênio José Ísper. The stigma of HIV positive users of the public health system. **DST**, v. 29, n. 1, p. 12-16, 2017. Disponível em: <https://bdst.emnuvens.com.br/revista/article/view/791>. Acesso em: 17 jan. 2024.

LOURENÇO, Gilclécia Oliveira; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; LIMA, Ricardo Delgado Marques de. Nem santa, nem puta, apenas mulher: a feminização do HIV/aids e a experiência de soropositividade. **Sexualidad, Salud Sociedad (Rio de Janeiro)**, v. 30, n. 1, p. 262-281, 2018.